



50 réis

Coimbra, 27 de abril de 1910

A FARÇA

Quinzenario illustrado

Numero { Portugal — 50 reis
 avulso { Brazil — 400 reis (moeda fraca)

ASSIGNATURA

(Por serie de 12 numeros)

Portugal e colonias 600 reis
 Brazil (moeda fraca) 3\$800 »
 Estrangeiro 5 francos

F. França & Armenio Amado

(LIVREIROS-EDITORES)

Rua Ferrel'a Borges, 77 a 81 — ARCO D'ALMEDINA, 2 e 4

COIMBRA



Assignaturas para todos os jornaes e Revistas nacionaes e estrangeiras — Impressos e livros escolares — Encadernações e artigos de papellaria — Jornaes de Modas — Todos os livros approvedos para instrucção primaria, para os Lyceus, Escolas Normaes. — Escola Agricola — Escola de Pharmacia — Faculdade de Medicina e Universidade. Recebem-se, apenas publicadas, todas as novidades mais importantes nacionaes e estrangeiras.

Execução rapida de encomendas

Photographia Conimbricense

— José Maria dos Santos —

COIMBRA — Avenida Navarro, 2

Retratos em todos os formatos até tamanho natural pelos processos mais modernos. Vistas de Coimbra, Bussaco e Batalha. Encarrega-se de todos os trabalhos forado atelier.

ANNUNCIOS

	Em um só numero	Por serie de 12 numeros
1 pagina	3\$000 reis	25\$000
1/2 "	1\$800 " "	15\$000
1/3 "	1\$000 " "	10\$000
1/5 "	800 " "	8\$000
1/8 "	600 " "	5\$000
1/10 "	450 " "	4\$000
1/16 "	350 " "	3\$000

Tiragem 3:000 exemplares

Representante exclusivo em Lisboa:

O SR. Arthur Metrass Campos,
 administrador de "O Dia,"

80—RUA GARRET—1º

Vão ser expedidos pelo correio os recibos correspondentes à primeira serie d'A Farça.

A remessa dos primeiros numeros foi por vezes feita atrapalhadamente, devido a circumstancias de momento. Se porventura alguns dos nossos assignantes a quem vão ser apresentados os recibos, tenham soffrido alguma irregularidade na distribuição desses primeiros numeros, obsequieiam-nos satisfazendo a respectiva importancia e reclamando para a administração, donde promptamente lhe serão enviados os numeros que faltarem.

MERCEARIA LUZITANA

— Gaillo & Camas

1, RUA DO CEGO, 7 — COIMBRA

Especialidade em

CHÁ, CAFÉ E VINHOS FINOS

Deposito dos vinhos da

Real Companhia Vinicola

e da

Associação da Bairrada

Materiaes de construcção

Agencia de Seguros. Transferencia de dinheiro

TELEPHONE, 8



Julio Ribeiro dos Santos
 Proprietario e impressor

TYP. LOUZANENSE

UMA DAS MAIS BEM MONTADAS, NA PROVINCIA, E ONDE SE EXECUTAM COM RAPIDEZ TODOS OS TRABALHOS TYPOGRAPHICOS.

IMPRESSOS

Para todas as repartições

Impressão de:

A Farça, Commercio da Lousã e d'O Poia-
 rense.

A FARÇA

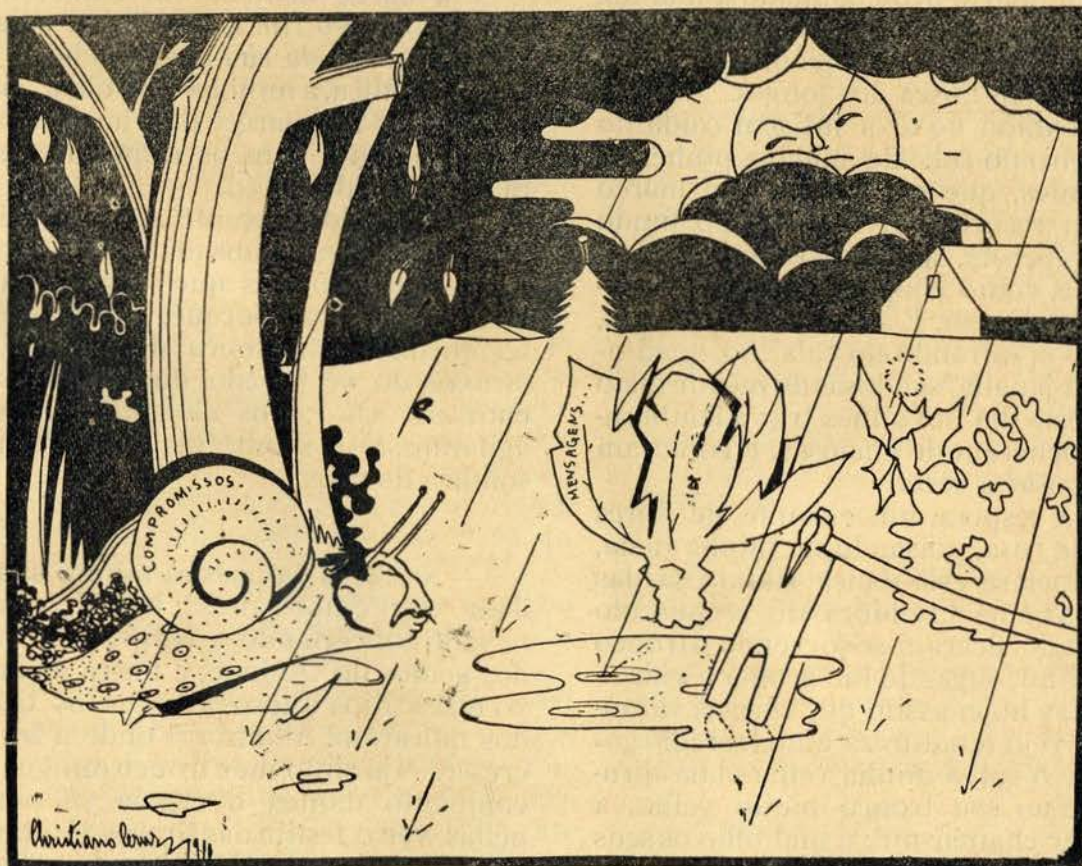
COIMBRA, 27 DE ABRIL DE 1910

Director artistico — *Luiz Filippe*
Direcção litteraria de *Veiga Simões*
Proprietario, *Thomaz d'Alvim*
Administradores, *F. França & Armenio Amado*
Livreiros-editores

Redacção — RUA DE SUB-RIPAS, 26
Administração — ARCO D'ALMEDINA,
Composição e impressão,

TYPOGRAPHIA LOUZANENSE — LOUZÁ

O GRANDE MEXIAS



Ares caliginosos propícios para sahir luminosamente da casca . . .

Chronica

«Aqui se realisou a Festa da Primavera...
Donde o nome lhe mudaram de Lapa dos Esteios
em Lapa de Poetas.
... E para perpetuar memoria...»

Da Lapid.

Esta manhã a primavera surprehen-
deu-me na cama, num solzinho com
mais côr; e mal abri as janellas, todo
o meu quarto ficou banhado duma luz
clara que delle se despedira ha muitos
mêses. Do ceu azul fugiam as ultimas
nuvens em busca dos longes.

Coalhou no ar a fuligem caida do
brazeiro do sol. Até aquelles pinheiros
distantes, que aos poentes de março
fazem recortes chymericos no fundo
madrepêrola, adormecêram no ar dor-
mente, como chapéus parados á min-
gua de aragem. E as arvores do jardim,
que vou mirando no caixilho quadra-
do da janella, saudosas do mês de maio
que este dia novo lhes traz á lembran-
ça, enchêram de anciosas, e começam
já a gosar a sésta.

Na vespera, um enxame de flores
cor de rosa, poisando na minha olaia,
annunciára esta dança rumorosa das
seivas; e na brandura do crepusculo
partindo, ficaram-se sorvendo o tronco
quasi nu, sugando-lhe aroma e vida.

Mas hoje, assim que chego á varan-
da, e vejo a natureza amodorrada go-
sando o sol, a minha velha olaia apru-
ma-se no seu tronco muito velho, a
querer chamar-me; e mal olho os seus
ramos, que abranjem quasi todo o meu
jardim, os olhos refrescam-se-me, des-
lumbradamente, no milagre maternal

das suas flores cor de rosa, cobrindo-a
toda, soltando para o chão assombrea-
do um perfume discreto e classico.

Um barco ficou-se em baixo, no
fogo branco do rio. E como dos casa-
rões da banda da rua apenas chega o
peso da caliça, a minha velha olaia, em
procura de luz, parece debruçar-se na
cidade e seguir com os ramos a estei-
ra vagorosa do barco.

No silencio crescente a minha olaia
deixou cair dos ramos mais altos duas
flores muito abertas que sussurrâram
no chão. Nem sei porquê, julguei ver
na quêda melancolica dessas flores
atravez do ar parado duas lagrimas
enormes. Os ramos de cima mal se
agitâram. E a minha olaia teve uma
sombra de voz:

— Nas azas da poesia, minha sau-
dade voga empós dessa barca, como
nayade concertando o côro em torno
dos genios do Olympo; e busca de no-
vo esses sitios ditosos em que os bar-
dos moraram. Alfombras onde a hera
cresce, — já sinto meu tronco minguar,
emquanto dantes o erguia só para
nellas ver o festim das Graças. Cantam
agora os vates as andorinhas. Iam dan-
tes pela murmura manhã a Phebo
com o manto da Primavera, saudan-

do-o no seu verbo em allegorias tão nobres como a postura dos corpos com que o esperavam.

«Estava ainda o rio deitado em seu ninho de rythmo, e a Aurora annunciava o carro de Phaeton, sofreado e lésto. Partiam os barcos rio acima, levando consigo os bardos; e todos no rio saudavam esse que Ferreira inspirára e que entregava o sopro eterno da inspiração a quantos bebiam suas aguas depois que o divino Camões as bebera. Adejavam em sua volta zephyros ligeiros trazendo-lhe as boas novas da natureza. E chegados à mansão da poesia, suas penhas se abriam para em murmurar graças acolherem o Genio, e os loireiros se debruçavam para coroarem os poetas com sua coroa immortal. Internavam-se pelas sombras, e no convívio dos deuses tudo era festa que meus ramos não distinguiam.

«Ai! o Tempo tem azas nos pés. . .

«Depois, por esses meses do amor em que a natureza é um hymno e o sol, astro rutilo e formoso, beija o rio num beijo divino de deus encantador das nymphas, à volta do meu tronco se reuniam, e daqui a Fama soprava seus versos.

«Plantaram-me nobres que prezavam as artes. Fizeram-me regalo de poetas; sobre uma lagea azul, quando aqui vinham, todos deixavam seus nomes inscriptos, como em marmoreo cipo, a dizerem aos vindouros sua amavel convivencia com as sete Musas. Era essa pedra gasta que ahí vês da beira dum lago que secou; e ahí o maior dos vates se mirava no espelho das aguas, como Narciso encantado do seu rosto.

«E este meu tronco velho, se o vês gemer atravez da noite escura do inverno, é que eu choro para ver se minhas lagrimas de novo conseguirão encher o lago sêco e descobrir no fundo a imagem desse Narciso que a Poesia transformou em immortal, gravando as letras do nome no livro de oiro das artes.

«Zephyros que brincaes na minha copa: e tu, Pastor deleitoso de volateis amores e suaves canções: travessas azas despregai ligeiras, e minhas palavras sonoras levai pelas frondiferas ribeiras do Mondego. Deixai-me ver os lanigeros rebanhos pascendo pelos outeiros onde a verdura cresce e Amor pratica languidos segredos. Ante os loiros gloriosos que às Musas frescas sombras fazendo iam, deixai-me contemplar o selvoso espectáculo onde fugitivas nayades inda rebentam à volta da lyra quebrada do Cantor immortal da Primavera.

«Ai, está secca a sua fonte branda como no secco Outomno os verdes prados. A maculada veia onde em pedra o prospero Genio resplandece, é só e muda. Da azulada esphera nem Phebo vem banhá-lo em seu novo esplendor.

«Voai, levai-me; e junto d'essas estatuas frias que á sombra dos troncos mais frondosos acompanham o Genio, em estatua me transformai. Seja eu a estatua de Niobe olhando o Mestre que novas regras do canto e da cultura ensinou a todos os que a cythara tocavam. Sosinha os faunos errantes alçarem-se verei em suas patas, a decidirem a inscripção que tornou immortal o immortal Cantor da Primavera.

«Festa da Primavera! Materna herança das selvas deleitosas! De Castilho com a memoria grata em paz descança.»

E descendo a voz no silencio da calma, a olaia disse para mim:

«Agora meu tronco não é mais que consumir-se na lembrança; e hora a hora choro flores que nunca mais irão cair sobre essas fronte coroadas.»

Calou-se a olaia.

No azul do ceu poisou a aza branca dum nuvem.

VEIGA SIMÕES.

Tronco reverdecido



Antonio de Monforte, poeta conhecido desta revista, acaba de publicar um livro anunciado — *Tronco reverdecido*.

Porventura este livro, de orientação já sabida por excerptos, representa, para quem mais não queira, um documento curioso num meio de incertezas onde o criticismo se dissolveu entornando-se por sobre o publico respeitavel. Antonio de Monforte deu ao seu livro uma orientação; não a orientação organica e cathedratica de assumptos e normas, mas o apuro de motivos estheticos que subordinam naturalmente a obra a um criterio unico, podendo lançar-nos numa vista de conjunto.

O poeta do *Tronco reverdecido* procura acordar motivos nacionaes, por vezes detalhes locaes; quando mesmo o poeta recorta a sua emoção pessoal, é ainda o *meio* que nós vemos. Isto leva naturalmente a observar neste poeta uma aptidão particular para ferir pequenos aspectos isolados.

Collocado em frente dum largo conflicto humano, Monforte não poderia ver mais que detalhes sentimentaes e pittorescos dum personagem ou

doutro, [porventura recortes nitidos de scenario, trechos distantes acordando os longes braços para os ver melhor. Esta faculdade que domina o seu temperamento, levou o poeta a ferir motivos *passados*, fazendo-os resurgir para a vida de hoje. Faculdade que promove uma incerteza,— ora leva a saudade melancolica pelo tempo que se foi, ora a contemplação exactica do tempo que vae correndo. Por isso mesmo, se um equal pensamento enquadra todo o seu livro, nem o mesmo sentimento, provindo dum largo *elemento humano*, poderemos ver dominando a obra. E' que Antonio de Monforte é um poeta de aspectos, em que as coisas valem pelo que são, e pelo que de artistico podem representar.

Por isso mesmo no seu livro se mostra um conflicto interessante. As novas obras de arte proveem naturalmente duma nova acumulação de factos; apenas naipes novos de factos poderão renovar a arte, atravez da individualidade de que o artista os enche. Ora Antonio de Monforte procurou ferir motivos apagados e esquecidos, por vezes motivos novos, que tornam este livro singular na publicação sorna que por ali corre; mas a *fôrma* ficou-lhe sempre equal em todo o livro, sempre a mesma, dando a *themas* differentes o mesmo canto no mesmo rythmo. E' que a sua faculdade dominante, levando-lhe o olhar para os aspectos varios, perdeu-lhe o sentido da unidade, a vista da unidade. Tivera-a o poeta, num largo ideal estuando em colleações que percorressem o livro, e esses aspectos isolados deixariam de ser aspectos isolados para passarem a faces subsequentes do mesmo ideal. Então a expressão esthetica de cada uma destas faces, tornar-se-hia espelho dessa mesma face, variando com cada uma dellas.

Antonio de Monforte pretendeu renovar *fôrmas* artisticas; apenas viu o *detalhe*. E a par da alegria que este livro nos dá, nós divisámos o perigo de, em futuras obras, se eternisar, repetindo assumptos, na mesma visão parcial que levará sempre ao ponto de partida.

E então será o caso de Mr. Rostand, afivelando a todos os seus personagens o enorme nariz de Cyrano.

CINEMATOGAPHO

Em Amarante, terra da sua naturalidade, botou conferencia sobre Herculano, o Aclulinhos, um quartanista de direito loiro e pudico.

Pela primeira vez tivemos o prazer de não assistir a uma conferencia do illustre *conferenciês*. Todas as outras, que nós sabemos, as tem elle realisado nas aulas, fallando, ora da influencia do facto economico na revolta do *grélo*, ora das regras da *lithurgia*, e sempre com a mesma elevação.

Não somos dos mais assiduos, mas sempre um mau sestro nos tem atirado nesses dias para o nosso logar na aula, marcado por dois traços negros num banco duro. Pois se accitassemos dar uma falta num desses dias,

essa com outra que demos a Direito Romano num dia em que nos sahiu a bôla, seriam as duas faltas mais bem dadas da nossa vida academica.

Finou-se a *Revista Coimbra*. Lamentamos.

Aos assignantes que houvessem pago adeantadamente, serão enviados os numeros correspondentes duma nova revista, cujo apparecimento está ha muito annunciado — *Ditos Agudos*.

O corpo de redacção ficará o mesmo, entrando apenas para o logar do sr. João de Castro, que generosamente o cedeu, o sr. Paulin Santos.

Num dos ultimos numeros da *Patria Nova*, publicou o sr. Joaquim Diniz da Fonseca um *excerpto dum livro por fazer, intitulado: Domingo de Paschoa*.

Foi com certeza gralha que escapou á revisão: — não é um livro que o sr. Fonseca tenciona fazer, mas um calendario.

Pede-nos o sr. Orlando Marçal que lembremos aqui que Valle de Lobos fica a 3 kilometros de Guimarães, com muito bons meios de transporte. E' portanto de esperar que a academia não falte á grandiosa romaria.

Muito concorridas as ultimas reuniões intellectuaes da *Livreria Moderna*. Entre outros, lembra-nos ter visto ali os srs. H. Raposo, Alberto Monsaraz, A. Gonçalves Cunha, Antonio de Mouforte (Sardinha), João de Lebre e Lima, etc.

Estamos a dois dias do centenário. Ainda se não sabe ao certo quantos feriados rende. Se forem oito, como já temos ouvido, é a melhor maneira de o centenário resultar numa grande festa nacional. Vamos cada um para as suas terras, centenarias, em familia e em chinelos de liga.

O terceiranista de direito Henrique Silva realizou, na Figueira da Foz, uma das taes conferencias preparatorias.

Na impossibilidade de a reproduzirmos na integra, damos della um trecho, porventura o trecho de ouro:

«Herculano, historiador insigne, na investigação minuciosa dos factos foi o que nós hoje poderíamos chamar um Seberlock; pamphletario trovejante, na maneira invencivel como sempre dirigiu o ataque foi o que nós hoje poderíamos chamar um Raku!»

A BOA NOVA

Nos bons tempos em que eu faltava a latim para ir jogar a barra na alameda do Botanico, julgava que a carta de bacharel me metteria nos bolsos, em cartuchos reluzentes de libras de cavallinhos, uma fortuna solida e macissa.

Mas desde que entrei a ver que os bachareis medram por essas cidades e villas de Portugal, como neste verde abril, os malmequeres pelos prados e jardins, entraram de ralar-me graves apprehensões sobre o meu futuro de bacharel em direito. Desde que aos meus ouvidos começaram o soar, como arranhaduras em fundo de prato ou

pela cal das paredes, os nomes e appellidos de bachareis formados, de manga de alpaca, copiando officios pelos mochos tristes das repartições, os rôlos de libras, que eu sonhava, transformaram-se logo nuns magros dezoito vintens diários dum amanuensado em Paio Pires.

Depois as desillusões amontoaram-se: um dia eu sabia que um bacharel em Direito ensinava meninos numa escola regia: no dia seguinte um acaso intrigante, como a indicar-me a sorte que me esperava, punha-me diante dos olhos a relação dos concorrentes a uma vaga de continuo do lyceu, fartamente recheiada de bachareis em Direito.

E, em reforço, os meus proprios olhos viam pelos primeiros andares de Baixo, escriptorios de advogados, onde, afora estes, somente as moscas punham uma palpação de vida em borrões negros pelas paredes.

Assim, da fortuna que eu confiadamente esperava do canudo de bacharel, somente agora antevejo possibilidade pelo casamento rico com menina muito rica e segundo o regimen do reino.

E ainda ha pouco tempo, nalgum dia mais escuro em que pensamentos escuros me verrumavam o cerebro, eu imaginava-me, branco e corcovado, pelos caminhos das romarias, mostrando a carta como quem mostra um aleijão, de supplica nos labios e mão estendida á esmola.

Mas eis que um sol esplendido illuminou de repente a abobada da treva da minha velhice de advogado invalido. Um destes dias os meus olhos poisaram distrahidamente nas columnas massigas do prestante *Seculo* e não sei que dedo occulto lhes apontou á leitura uma noticiasinha, perdida entre outras noticias que formam a bem elaborada secção — O SEculo NAS PROVINCIAS.

E os meus olhos leram que uma senhora, de muita virtude por certo, deixava um legado de cem contos para a fundação dum asylo de advogados cahidos na miseria.

E ao calor desta carinhosa restea de caridade, fundiram-se num instante em lagrimas de reconhecimento as minhas graves apprehensões sobre um futuro incerto de bacharel em Direito.

Já não me assusta a velhice, com noites frias dormidas pelos bancos das Praças e o caldo esmolado pelas portas dos quarteis e das cazas ricas. Os cabellos brancos acenam-me até com a grata camaradagem dos meus contemporaneos de Coimbra, numa convivencia ainda mais estreita: abancando todos á mesma mesa dum refeitório amplo, dormindo todos sob o mesmo tecto duma camarata ampla.

E em logar dum dr. Alberto de Castro, اندrajoso e esfaimado, com a chapa de mendigo do governo civil, eu antevejo com delicia um dr. Alberto de Castro, limpo e confortado, com as iniciaes do asylo no bonet de pala, levando aos domingos as cadeiras para a Avenida...

ALBERTO DE CASTRO.

Do «Jornal de um poeta»

S. PEDRO DE MUEL, Julho, 1905.

Quando o Sol está já interrado até aos peitos, voltam da horta a Maria Joaquina e o seu burro. A esta hora, e na praia deserta, estas duas figuras são de uma grande melancholia. Maria Joaquina acurva e tropeça,—sempre de negro,—desde que a filha, a mais nova, a que podia ser neta, a do ultimo beijo! —morreu ali afogada num desses estupidos desastres em que o triumpho de morte é tão facil, que nos sugere que a morte, em vez de imagem solemne, é qualquer coisa tão familiar como o gato que dorme ao borralho, entre o serão da familia. Mas o relevo da pobre velha é o seu burro, lanzudissimo e santo.

*
* *

Tive sempre por este estranho animal—o burro—uma simpatia extrema. Em criança torturei-o, como os outros. Encanta-me a sua paciencia para aturar os pobres (que são afinal, os que ninguem atura) e o sustentam de fome e pancadas. Internece-me a sua mansa adaptação na familia e, albergada no seu corpo maneiro, feito para ser util, a sua alma serena, enobrecida de vontade estoica e de tolerancia budista.



Creem-no estúpido, a elle, muito mais intelligente, que o cavallo—esse tolo com memoria. Acham-no feio, a elle, cujos olhos são os mais doces da criação.

Mesmo os cavalos só atingem esta *expressão*, quando a dôr os despoja da sua vulgar elegancia plastica, em que os felinos e as mulheres triumpham. Esse tragico, admiravel cavallo—*mineiro* de Meunier, —gothica imagem das coisas usadas,—é *quasi* um burro.

*
* *

Uma vez, num *hall* de hotel, não me lembro bem aonde, li num jornal um annuncio que illuminava a pagina em que vinha. Em volta d'elle os charlatões grasnavam, acotovelando-se, os nomes barba-

ros das mézinhas, ou os títulos dos livros, ou as cotações das Bolsas. Era um burro que se vendia, um burro *familier avec enfants*. *Familier avec enfants!* E' a angelisação do irracional.

*
* *

Mas estas silhuetas melancolicas que todas as tardes considero, recordam-me outro grupo, igualmente irmanado e caduco. Relembro uma velhita, a Maria Rosa, que vivia de recovagens entre Leiria e uma aldeia proxima. Tinha a carinha tão lavrada de rugas, que uma lagrima que por ella escorregasse, pelas gelhas se canalisava, como a agua nos regos das hortas.

Essa montava o jumento, tambem velhusco e triste;—os burros terão mocidade? E'-me impossivel evocar a velhita sem que o seu burro não reveja. E tudo se me funde nesta imagem:—ao longo de uma estrada um centauro de lentidão e paciencia...

*
* *

Ah!, os burros tem mocidade, e nenhum animal domestico tem uma meninice mais infantil dos que estes *babrés* saltantes e ledos! Suas cabeças são frisadas como as de San Jõesinhos de Renascença; seus olhos brilham deslumbrados de voloptuosidade de viver, e nos seus movimentos infantilmente doidos advinha-se a embriaguez dos musculos tenros que ensaiam as vibrações da força. Depois, quasi sem transição, esta alegria pende, e fica a digna tristeza, a gravidade modesta e, sobretudo a *scisma*, que os homens chasqueiam, e elles guardarão em todas as cruas situações da



os corações dos contemporaneos aflitos. De certo a imagem do fundador, assim deformada, não inspiraria aos simples a confiança e a esperança. Mas Jesus montou a jumenta que os galileus lhe trouxeram e albardaram com suas proprias vestes. E nunca Jesus me parece tão christão como quando entra na cidade sacerdotal e flamejante de padres da Lei, rodeado dos seus ingenuos burriqueiros, seguido da esperta cria que a mãe ainda amamenta, e certamente antegosando já e para alem dos horisontes da terra, a belleza da morte heroica, que transforma os homens em deuses e consagra a vitoria das ideias.

.....

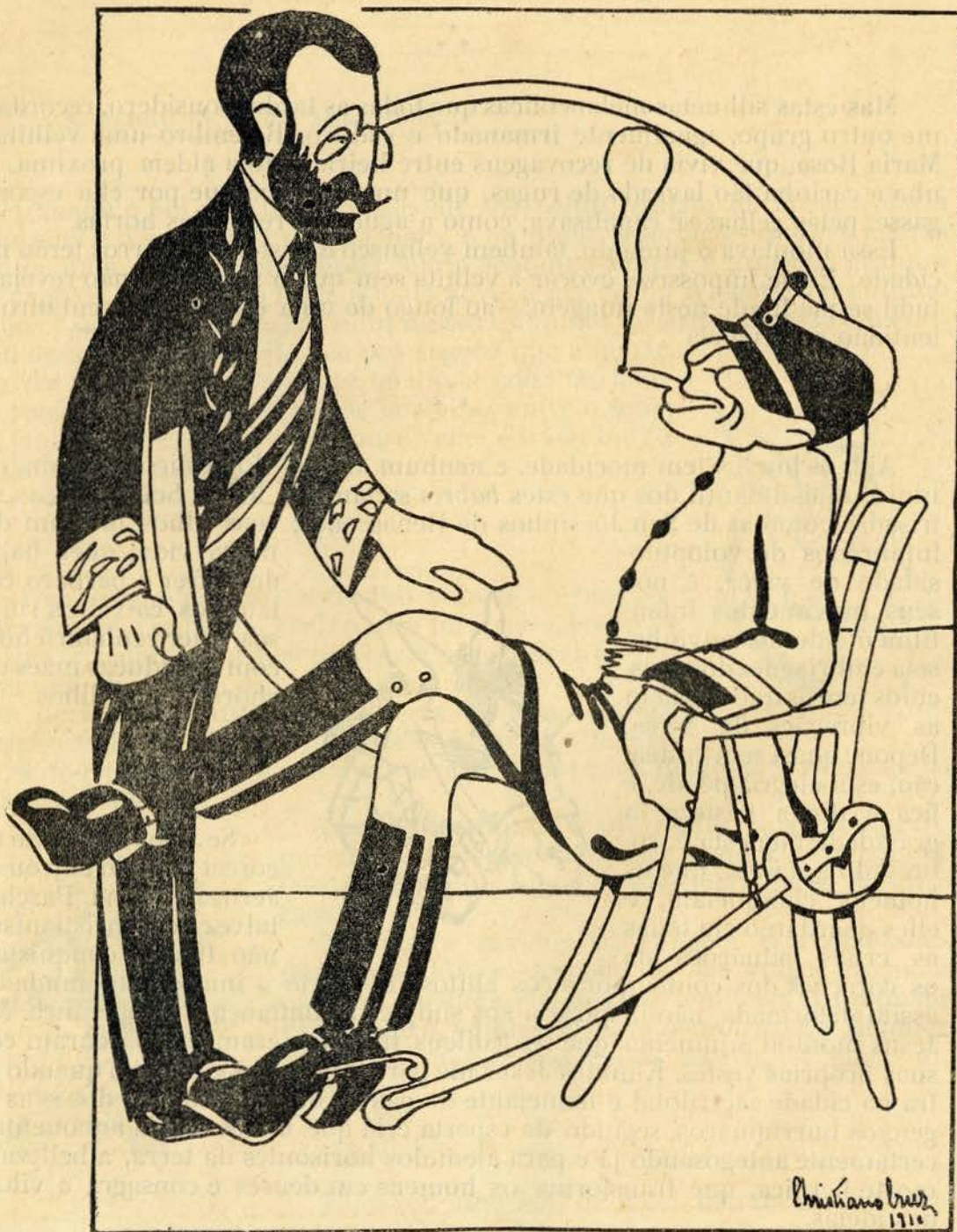
*
* *

Se Jesus montasse um corcel quando entrou em Jerusalem, na Paschoa, talvez o christianismo não tivesse conquistado

.....

AFFONSO LOPES-VIEIRA

Canalejas no poder



— E o teu programma impedir-me-ha tambem de fazer todos os annos um menino?

A nova lei eleitoral



- Mas servindo a ignobil de modelo isso fica uma porcaria.
- Qual! eu dou-lhe todas as côres.

O poeta

Maria, poisando as mãos esguias na balastrada de granito, ficou a olhar absorta as águas mürmuradas do mar.

...E eu, homem de som e de ritmo, a quem a materialidade raramente enleva, contemplava maravilhado o talhe «primitivo» das suas mãos, duma brancura de magnolia aberta, e todas enredadas de veiazinhas azues.

E eu que, por uma estrophe sem mácula daria de bom grado todos os sagrados marmores da Hellada, senti, nesse instante, quanto de milagroso haveria em domar a bruteza dum bloco de Páros até que o cinzel affeiçoasse nelle a infinita candura daquellas mãozinhas debeis...

O seu olhar poisou-se mais longe, na linha afastada em que a concha do céu poisava no espelho das águas.

...E eu, homem de som e de ritmo para quem a côr só vale pelo que de verbalisavel contempha, quedei-me a contemplar, maravilhado, aquelles olhos unicos, tão cheios de translucidez que dir-se-iam feitos dum azul que fosse luz, duma luz que fosse liquida; olhos que ao poisarem-se nas coisas pareciam entornar-se por sobre ellas. Assim, tudo em torno me parecia, na tarde quieta, um reflexo, um derramamento dos seus olhos; porque tudo em verdade era azul: o céu alto, o amplo mar, a propria sombra que o terraço projectava.

—Gosta do mar? perguntou-me.

Disse-lhe que não... E justifiquei: A belleza só é perfeita quando equilibrada e serena. Ora o mar é a intranquillidade eterna. Demais, a grandiosidade deixa de ter belleza se não for variada. E o mar é monotono: uma onda, outra onda, e outra, e outra ainda... lembra-me os dramas do velho Hugo: sempre, sempre, sempre alexandrinos...

—Para que é falso? rallou ella com um gestozinho d'amuada.

E depois com a litteraria fluencia de quem repetia o que muita vez pensára, ou talvez de quem reproduzia alguma pagina do seu diario intimo, accrescentou:

—Deus fez com a agua a epopeia da humildade.

—Da humildade?... interroguei surprezo.

—Sim, da humildade. Encha com ella uma taça d'ouro, e tomará a fórma da taça. Deite-a depois num vaso tosco, de barro humilde, e ve-la-ha humildemente aconchegar-se ás linhas rudes desse vaso ingenuo.

A tudo se accomoda, a tudo se sujeita, sejam quaes forem os laços que a prendam. Se a soltam, porem, irá descendo, descendo, sollicita e contente ao mais baixo que puder. Ah! não calcula, meu amigo, a doce commoção que eu sinto, quando vejo um fiozinho d'agua manar na altura

sobranceira dum monte e correr logo, numa pressa alegre, da imminecia em que nasceu para a estreita inferioridade dos valles.

Quando alguma coisa a detem, torneia-a, se pode, numa curva timida e trémula, para proseguir na intermina descensão. Se o não consegue, espera que outra agua chegue e se lhe junte, e sobe,—sobe é verdade—mas apenas o bastante para ultrapassar o nivel do que a prenda, e retomar logo a descida em que viéra.

Se o obstaculo que a représa é incontornavel, e a agua que se junta é muita, tamanha se torna a sua ancia de humilhar-se, que o abate e despenha, para se abater e despenhar com elle...

Quando não logra proseguir, alastra, espalha-se, esconde-se na terra até onde a porosidade o consente; e a demais que fica á flôr, torna-se quieta, lisa, e emmudece de tristeza...

Tristeza resignada todavia: o que sobre ella se debruça ou passe: rostozinho de pastora, ave do céu, nuvem do ar, immediatamente o reflecte e reproduz no desejo de que a face que se mira, a ave que vóa, a nuvem que passa se vejam a si proprias, sem darem por ella...

E se qualquer coisa a toca: um grão de terra que se desagregga, uma folha d'arvore que se

A SCIENCIA E A MODA



—Que bello cogumelo para a minha collecção!

desprende, estremece, por se ver surpreendida, num arripio que a percorre toda.

Não é afinal tudo isto uma viva alegoria da humildade?

Para que a toada emballadora da sua voz continuasse a acariciar os meus ouvidos, objectei timidamente:

—Tambem é humilde a agua que se evapora? Não sóbe ella a tal altura que nem as aguias lá chegam?

—E' certo; mas sóbe invisivel quasi sempre, ou então num fumo ténue que na ascensão se adelgaça, cada vez mais, até se desfazer de todo...

—E a nevoa? E as nuvens?

—A nevoa? A nevoa é como a felicidade. A gente vê-a quando está distante—e da que nos rodeia não vê nada... As nuvens? Só se tornam grandes quando a agua que as fórma está prestes a desfazer-se em lagrimas...

—Lagrimas d'agua que teem, às vezes, coleiras de raios...

—As trovoadas peiores—bem sabe—são as seccas...

—Mas diga-me: esse fio d'agua que das montanhas brota não encontra no seu percurso milhares doutros que o engrandecem e o tornam num largo veio?...

—Veio sagrado e benefico que vae regando a terra e descendo, descendo sempre até ao infinito mar...

—E o que é o mar? A agua em furia, a onda fêra, que faz naufragios, que traga vidas...

—Outro engano. O mar só é assim para os olhos que não penetram nas ideias e nas coisas para além das superficialidades. As tormentas do mar, com toda a sua tragica scenographia, são méros arrippios epidermicos. O seio das aguas permanece na sua inalteravel mansidão, como suprema grandeza, como suprema força, como suprema serenidade que é.

E após instantes:

Bellas como o mar só duas coisas fez Deus.

—Quaes?

—A luz e...

—E?...

—Porque não hei de dizer-lh'o, se somos afinal dois bons amigos? A luz e o amor.

Já a taça do sol, como na ballada, se afundára na agua arfante. Já o negro olhar da noite começára velando e delindo as funduras dos valles mais estreitos. Recolham do mar alto, numa proccissão de vélas pândas, as companhas dos pescadores.

Desciam dos altos montes, chocalhando e ba-

lindo, em theorias de drama lirico, as lentas filas das ovelhas placidas.

Era a hora de Millet.

E como na téla immortal, nós dois alguma oração rezámos, porque os nossos olhos se encontraram...

—Meio minuto? Um? Mais? Menos? Sei lá... Foi um segundo talvez.

Seguiu-se um lapso indefinivel em que, nos corações d'ambos se diptongava o constrangimento e o extasis, o desejo de que aquella hora tivesse por graphico a cura inefechavel duma parábola e a vontade de que surgisse qualquer coisa, fosse o que fosse, a quebrar o ténue fio d'oiro daquelle encantamento.

Felizmente (felizmente Maria?) o Mário, concludidas as lições da tarde, surgiu á entrada do terraço.

—Uff! Só agora! Mas amanhã, irmãzinha, cantolou elle num improvisado passo de dança, amanhã é domingo e tenho todo o dia para brincar...

Olaré, olarila
Olaré, olarila.
Oh Chica bate o pé
Joaquim entra na fila...

Chalreiro como um pintasilgo solto, irromdeu com esfusiante ardor no elogio da «Mademoiselle»



Que ensinava muito melhor que a alemã, Que a outra era uma velha rabujenta e feia, que esta era muito amiguinha delle, que até fazia gosto ouvi-la explicar as coisas.

E no auge do entusiasmo ergueu os braços ao ar e bradou em altos gritos, alegríssimo:

—Viva a «Mademoiselle»! Viva a minha preceptora!

Viva o papá que mandou a outra embora!

Viva! Viva!

Voltando se para nós:

—Então vocês não correspondem?!...

Passou seguidamente, sem disfarces de vaidade, a estadiar os seus progressos. Déra apenas um erro na leitura e estavam certas as tres contas. O thema é que não ia bom. Também não admira—desculpou logo—é dos primeiros que faço...

—Dize lá Mário: O que queres tu ser? Medico como o teu tio ou engenheiro como o teu pae?

Acenou negativamente.

—Ora a ver se adivinhas?...

—Advogado?

—Tambem não.

—Juiz?

—... Não.

—Padre?

—Quero agora lá ser padre!...

—Agronomo? Industrial? Militar?...

—Nada disso...

—O quê então?!

—Quero ser poeta, como tu.

—Oh desgraçado! exclamei eu rindo.

A fuligem do crepusculo caia nas coisas e nas almas. O proprio Mario, o gárrulo e azouguento Mário, encostando-se á cadeira da irmã, emmudecera.

Eu, noutra cadeira de verga, em frente, em-

balava os meus vagos pensamentos na vaga litanias das ondas.

Para quebrar a lassitude que nos tomára, perguntei, indicando uma brochura cinzenta, no regaço de Maria:

—E' romance?

—Sim. Uma traducção da *Sapho*. Gosta?

—Sei até de cór o dialogo com que abre. Por signal que não é facil de traduzir, parecendo o que ha de mais simples: *J'aime la couleur de vos Yeux*.

Debruçou-se para ler, á despedida da luz, a traducção correspondente: *Que lindos olhos!*

—Ora adeus! commentei. Que lindos olhos! é um galanteio d'amanuense em domingo d'Avenida. E encolhendo os hombros: Afinal basta um nada para dar euphonia e graça á phrase mais corriqueira. Quer ver? Assim, já parece outra coisa:

Que lindos olhos tem, Maria!

Os olhos della olharam-me um instante, num palpar de palpebras perturbado e inquieto. Mas desceu-os logo para o irmão que se havia acomodado á turca no pavimento do terraço. Desviou-os depois para o mar. Poisou-os de novo no livro. Subiram; voltaram; tornaram a descer, exitantes, nervosos, trémulos, poisando aqui, poisando ali, não se fixando em ninguem, não se detendo em nada.

O pequeno ergueu a face; contemplou-a mudamente. Depois, num murmuro de réza, espachando as syllabas, disse:

—Parecem dois passarinhos...

O poeta fizera o seu primeiro madrigal.

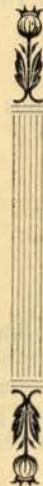
AUGUSTO GIL

A festa Sabugosa



—Então nem sequer danças estes lanceiros?

—«Caes» lanceiros, eu cá sou da «perventiva»...



Bala, ponto final da existencia.

O centenario de Alexandre Herculano

Deve sahir em breve o *In-Memoriám* em que collaboram dos mais cotados escriptores nacionaes e estrangeiros.

O que será o *In-Memoriám*? Uma obra que só por si seria tudo, afirma-se.

Uma deferencia particular permite-nos dar alguns excerptos desse famoso livro.

Elles ahí vão, com os nossos agradecimentos.

Quanto a mim, Herculano foi um pessimista. Não viu o sentido da vida...

Quiz a Perfeição esquecendo-se que Deus, sendo quem é, fez o homem tão imperfeito...

E quando as obras de Deus são assim, o que será a obra do homem?

As coisas são o que são e não o que deviam ser...

Ri de tudo, sê patife, mas com espirito, e o mundo admirar te-ha.

Eis uma philosophia perfeita...

DO SR. CONSELHEIRO JOSÉ LUCIANO DE CASTRO

Entre os nomes que fulgem no ceu doirado da nossa litteratura surge com notavel relevo o de Alexandre Herculano.

Historiador jamais excedido, romancista nun-

ca egualado, poeta notavel, elle deixou o seu nome ligado á Historia, ao Romance, á Poesia e ainda ao Direito.

Amigo intimo de D. Pedro IV e podendo subir aos mais altos logares, galardão do talento e do trabalho, preferiu Valle do Lobos e alli morreu.

Gloria ao Genio!

E que as creancinhas pronunciem com amor o seu nome.

DO SR. CONSELHEIRO AGOSTINHO CAMPOS

Director geral de Instrucção Publica

Triste terra! Alexandre Herculano... Escarneo inaudito! Ora pois... Centenariam-te hoje os dignos successores daquelles que te mettiam dô—ou nojo.

Mas só houve aqui uma gente sincera: a de Campolide. Foi coherente, foi logica. Mas os conselheiros, essa gente toda...

E toda a gente fãla da obra d'elle, todos a que a não leram....

Ora bólas...

Mas... O Forjaz de Sampayo dirá da obra de Herculano.

DO SR. BRITO CAMACHO

Director da «Lucta»

Herculano foi um genio e a sua actividade affirmou-se na sciencia juridica. A elle é devida a definição de coisas publicas que apresentou no seio da commissão revisora do Projecto do Codi-

Scenas do quartel (authenticas)



A PROVA DO RANCHO

— Leva lá a casa rapaz, a minha mulher é que tem paladar.



Scenas do quartel (authenticas)



— Anda lá 45: se o nosso commandante sabe...

go Civil em sessão de 27 de novembro de 1861 e que foi adpotáda com uma ligeira modificação: que podem ser ainda de uso publico as coisas apropriadas ou produzidas pelas corporações publicas e mantidas debaixo da sua administração...

DO SR. CONSELHEIRO BEIRÃO
Presidente do Conselho e notavel civilista

Embora a mentalidade portugueza apresente como synthese desastráda o Conde de Gouvarinho, espiritos altissimos fogem á theoria estabelecida...

A figura austera e talentosa de Herculano é daquellas que marcam.

Mas o seu destino foi Valle de Lobos, e o espirito do conselheiro Accacio continuou pairando sobre a nossa terra . .

Triste paiz onde os mentores são... os Accacios.

DO SR. DR. LOBO D'AVILA LIMA

A alma portugueza soffre dum mal profundo que a Herculano inspirou a phrase immorredora: «Isto dá vontade de morrer.»

Espirito austero, doutra epoca, elle fugiu da onda de lama que subia; a nós homens doutro tempo compe te nos detê-la e vencer, ou morrer heroicamente tendo nos labios como ultima prece o nome sagrado da Patria!

Ah! Em breve cantaremos a *Portugueza* ao clarão dos obuzes, e tenho fê que Herculano não

cerá celebrado por aquelles de quem fugiu mas pelos homens libertádos de Portugal-Novo.

DO SR. ANTONIO JOSÉ D'ALMEIDA
Director da «Alma Nacional»

A psychologia de A. Herculano está nesta phrase, synthese completa: «Isto dá vontade de morrer.» Numa epoca em que já campeava o espirito demagogico, elle não viu todavia o mal de sempre, que tanto ataca agora a nossa querida Patria, mas que,—louvado Deus—vai de vencida; e aqui em Coimbra o moço e sympathico rei recebeu uma recepção enthusiástica desta mocidade heroica e boa.

Viva Herculano na nossa memoria sempre, que elle hoje seria ainda monarchico!

Pois poderia agradar ao seu olhar de estheta um chefe de estado de chapéu de côco?

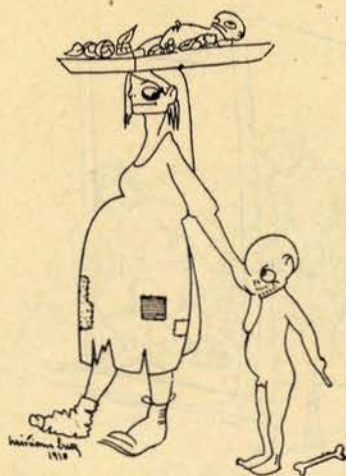
Meus senhores, tremo de commoções: Viva D. Manuel II! Viva Alexandre Herculano!

DO SR. SILVA GAYO
Illustre escriptor

A Inquisição, esse terrivel tribunal, encontra em Herculano o analysta que, friamente, a golpes secos de bisturi, fibra a fibra vai mostrando o que foi essa horrivel instituto. A figura austera de crente da meia-edade, o cavalheirismo hespanhol, a alma heroica portugueza, o noivo, são-nos mostrádos em dois traços magistraes...

Mas Herculano é pesado e não me agrada

COMPENSAÇÃO



O ventre somma, mas a fome diminue.

A festa Sabugosa



—Não percas a occasião de lhe fallar no meu despacho.

a mim, planta leve e airosa, descendente da Grecia e filho da França...

DO SR. JULIO DANTAS
Da Academia Real das Sciencias

Alexandre Herculano, soldado da Liberdade, é grande. Amigo de D. Pedro IV, do qual o nosso soberano herdou o heroismo como herdara dos Orleans o valor intellectual (*A Illustração Portuguesa: Quem é o Rei de Portugal?*—), é maximo.

Sublime estatura a sua, estatura de gigante. Arou a terra mãe lavrada pelos canhões da Liberdade, tendo-se batido primeiro por ella.

Grande espirito, um dos maiores (?) da terra portugueza!

DO SR. MALHEIRO DIAS
Director da « Illustração Portuguesa »

Segundo as ultimas e mais veridicas investigações, A. Herculano não nasceu, como se tem affirmado, em vinte e oito de abril mas em 29 de março. Um documento, encontrado em Valle de Lobos, e cremos que em poder do sr. B. P., a quem devemos a finesa destas notas, assim o parece demonstrar.

DO SR. BRITO ARANHA
Do « Diario de Noticias »

Herculano se vivesse hoje seria republicano porque veria nisso um passo para a conquista do

Ideal, para o futuro regimen de Amor e Igualdade: a Anarchia.

DO SR. PESTANA JUNIOR
Da «Revolta»

Alma de crente, alma christã descrente dos homens mas não de Deus, espirito iluminado: que os teus erros te sejam perdoados pelo Altissimo, e essas estrophes soberbas attestarão ás posterioridade o teu grande valor.

Nas horas do silencio, á meia noite,
Eu louvarei o Eterno!
Ouçam-me a terra, e os mares rugidores,
E os abysmos do inferno.

DO REV.^{mo} SR. SENNA FREITAS

Com todo o respeito e veneração pelos talentos que Nosso Senhor Jesus Christo lhe concedeu, permitta-se-nos discordar de Herculano emquanto ao casamento civil. Para nós, a união só é legitima quando o olhar sagrado de Deus, das alturas celestiais, o santifica. O contrario é sacrilegio.

DO SR. CONDE DE SAMODÃES

Eis os melhores trechos.
E, para breve, *Palavras do Mestre*
por obsequiosa deferencia do sr. Fernando de Lacerda.

ANTONIO NOGUEIRA

O vintem preventivo



— O imposto da republica principiou antes desta existir.

Myopia



A miseria resolve pôr um monocolo no olho da Providencia.

O vintem preventivo



— Impossivel, cidadão; já sou irmão das almas.

Estudos de expressão



Fructo prohibido

PAPELARIA BORGES

Coimbra

CASA EDITORA DE BILHETES POSTAES
ILLUSTRADOS

Apparelhos e mais material para photographia

Para os Ex.^{mos} Academicos faz preços
excepcionaes nos grupos de cursos e em
retratos que se encarrega de mandar re-
produzir na Allemanha.

N. B. — *Ha já grande numero de assi-
gnaturas para encomendas; e pode for-
necer amostras de algumas, executadas
com a maxima perfeição.*

Pastelaria e Confeitaria Telles

Fabricação esmerada de finos doces
de ovos, e de fructa de todas as qualida-
des, em seccos, crystalisados e em calda.

VARIADA PASTELARIA EM TODOS OS GENEROS

Pudings de diversas qualidades, Pão
de ló pelo systema de Margaride, Galan-
tines diversas, Patés Saucisses.

Vinhos, Cognacs, Champagnes e Licores finos
das principaes marcas

Cartonagens, Amendoas, Chocolates,
Bombons, Drops, Queijos, Chás
e artigos de novidade.

Unica casa que vende a finissima manteiga da
QUINTA DE FONTELLO — Paços de Ferreira e os
deliciosos rebuçados de fructas especialidade da
Padaria **FARIA** do Porto.

150, Rua Ferreira Borges, 156 — COIMBRA

Telephone n.º 23

A Elegancia de Coimbra

SAPATARIA DE

MANUEL TEIXEIRA

Rua Infante D, Augusto, 6 a 14

Esta casa, conhecida em todo o Paiz,
não recomenda o seu fabrico.

Grandes Armazens
do Chiado

E' o estabelecimento que melhor
e mais barato vende em

COIMBRA

RUA FERREIRA BORGES

DROGARIA VILAÇA

COIMBRA

Completo sortido de drogas, productos chimicos
e pharmaceuticos.

Fornecimento para pharmacias e laboratorios.

LOUIS FONTAINE

Accordeur diplomé de la Maison Pleyel de Paris

Pianos, afinações, concertos

VENDAS E COMMISSÕES

Provisoriamente

28 Rua Sá da Bandeira, 28 — COIMBRA

Grandes Armazens de Lisboa

11, AVENIDA NAVARRO, 31

Entrada pela Couraça da Estrella, 2

PREDIO TODO

COIMBRA

© mais vasto estabelecimento da provincia, com as mais sortidas secções de modas, chapéus, confecções, lanificios, fanqueiro, retrozeiro, perfumarias, estofador e brinquedos. Ateliers de chapéus, modista e alfaiate.

SORTIDO MONSTRO.

PREÇOS SEM COMPETENCIA

Um dia por mez

FAZENDAS DE GRAÇA!

Pedir instrucções nos

GRANDES ARMAZENS DE LISBOA

LIVRARIA MODERNA

A. GONÇALVES CUNHA

25 — Marco da Feira — 25

COIMBRA

Livros portuguezes e estrangeiros sobre todas as materias, **novos e usados com grandes abatimentos.**

Revistas, jornaes, illustrações. Musicas. Cordas e outros pertences para instrumentos. Papelaria. Bilhetes de visita. Postaes illustrados. Encadernações. Gravuras. Sellos para collecções. Tabacos. Perfumarias.

Compram-se quaesquer livros em grandes ou pequenas quantidades.

ALFAIATARIA E CAMISARIA

Francisco M. de Sousa Nazareth e F.º

20 — Rua Ferreira Borges — 24

COIMBRA

Completo e variado sortido de case-miras para fatos e sobretudos, luvas collarinhos, gravatas, suspensorios, ligas de camurça, cache-col em seda, veludo e lã. Camisas brancas e de côr.

Agencia da Companhia de Seguros Bonança, a mais poderosa e antiga de Portugal.

GRANDE CAFÉ CONCERTO

Antigo café MARQUES PINTO

PROPRIETARIO

Manuel J. Telles

Praça do Commercio

COIMBRA